

Escrita desobediente de Uanhenga Xitu

JUMA MANUEL*

Resumo

Analisamos a obra *Maka na Sanzala* (1979), de Uanhenga Xitu, escritor angolano, a partir do recorte teórico sobre epistemologias dissidentes, visando destrinçar como esse escritor africano se serve da escrita contracolonial para sugerir configurações recalcitrantes e que reforçam a construção da angolanidade. Por meio de uma abordagem anti-epistêmica, buscamos compreender o envolvimento dos elementos provenientes da cultura e cotidiano da ruralidade como fatores instituintes do discurso desobediente e da mordacidade epistemológica na contística uanhenguiana. Através deste livro de contos, no qual o autor desenha um cenário de resistência, mergulhamos na complexa realidade de expugnação linguística e legitimação de modos de vida e saberes angolanos.

Palavras-chave: Escrita de resistência; Oralidade; Saberes angolanos; *Maka na Sanzala*.

Disobedient writing by Uanhenga Xitu

Abstract

We analyze the work *Maka na Sanzala* (1979), by Uanhenga Xitu, an Angolan writer, from the theoretical perspective on dissident epistemologies, aiming to untangle how this African writer uses countercolonial writing to suggest recalcitrant configurations that reinforce the construction of Angolanity. Through an anti-epistemic approach, we seek to understand the involvement of elements from the culture and daily life of rurality as factors that establish the disobedient discourse and epistemological mordacity in the uanhenguian short stories. Through this book of short stories, in which the author draws a scenario of resistance, we delve into the complex reality of linguistic rejection and legitimation of Angolan ways of life and knowledge.

Key words: Resistance writing; Orality; Angolan knowledge; *Maka na Sanzala*.



* **JUMA MANUEL** é professor de Literatura na Universidade Púnguè, Moçambique. Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UP Maputo) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC/Bahia-Brasil). Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas*, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista CAPES, 2022. E-mail: jumamanuel07@gmail.com

Literatura fazem os homens possuídos de muita bagagem académica. [...] Ao passo que nós, que o nosso liceu foi no arranjo da estrada, carregar sacos, apanhar algodão, rachar lenhas, e o pagamento bofetada e pontapé no rabo, pela máquina colonial, e a Universidade foi a cadeia, compreendendo-se, portanto, que o que mais podemos oferecer aos leitores são as imagens que recolhemos durante esses anos de observação directa dos factos vividos na sanzala, sem preocupar-nos com rendilhados e o estilo de bom português de verdadeiros escritores (XITU, 1980, p. 13).

A ideia de colonialidade do saber, conforme nos sugere a citação em epígrafe, parece-nos ser de grande importância para pensar as tensões que marcam a literatura e o povo dos países africanos de língua oficial portuguesa, onde os resquícios da empreitada colonial relacionados à ocidentalização da visão do mundo são profundamente evidentes. Nesse sentido, as palavras citadas de Uanhenga Xitu dão azo a um projeto epistemológico contracolonial, que seja, com efeito, resultado de luta anti-hegemônica, como a sua arte contística *Maka na Sanzala* (1979) trata de o sugerir.

A partir de uma escrita insurreta, Uanhenga Xitu forja o itinerário necessário para o estabelecimento de um mundo próprio, distanciando-se das amarras eurocêntricas e fundando, assim, a descolonização da linguagem por meio de um processo revolucionário discursivo, apresentando-se como criador de um projeto de mudar a geografia da razão, bem como proponente de um trabalho reconstrutivo, que reclama de nós o desvelamento e a reavaliação dos conhecimentos rejeitados e o esclarecimento dos fundamentos de nossas próprias demandas de adequação ou de progresso epistêmico (ALCOFF, 2016). Aliás, relativamente à potência da escrita de Uanhenga Xitu, Macêdo (2012, p. 237) assevera: “Dono de uma voz singular dentre os modernos prosadores angolanos, Uanhenga Xitu destaca-se por uma escrita em que a sólida construção de personagens alia-se

a uma forma muito própria de narração, bastante próxima da fala dos griôs tradicionais [...]”.

À partida, a narrativa angolana produzida no período pós-independência, o caso de *Maka na Sanzala*, revela um diálogo com a história, a memória e a tradição. Para a compreensão desta narrativa exige-se, por conseguinte, o conhecimento do contexto histórico e cultural da sua produção, que requer profunda reflexão em torno dos entrecruzamentos de elementos do passado colonial com práticas vivenciais representativas de um protesto sociocultural.

No plano diegético, a obra *Maka na Sanzala*, composta por três capítulos (Parto, A fama da Mafuta e Mambumba) que se complementam semanticamente, narra as diversas situações por que passam as comunidades rurais angolanas, neste particular as comunidades residentes em sanzalas, desde os seus hábitos e costumes, as suas tradições, as suas tensões, enfim, o seu cotidiano aos seus modos de expressão característicos.

Há, pois, no capítulo introdutório da obra, uma descrição da gênese do elemento que norteará a efabulação. Referimo-nos, aqui, ao nascimento de Mafuta, a personagem protagonista da narrativa. Acrescente-se que este parto é-nos apresentado de forma simbólica com base numa complicação caracterizada por dores e demora: “Na madrugada de um dia e de um ano recuado, a mãe Mulemba, mulher já de três filhos, ainda se encontrava debaixo

da dor de um parto que ia a caminho de mais de dois dias” (XITU, 1979, p. 15).

Esse imbróglio é ultrapassado quando se descobre o motivo da complicação do parto com recurso a uma interpretação feita com base em práticas ritualísticas características das comunidades rurais:

Kienda, vestido de pano, apertava-o sobre a cintura com um cordel de Kibalala (fibra de imbondeiro) que fazia a vez de cinto, esquecendo-se de que nestas ocasiões de parto os maridos, tendo conhecimento, não devem usar calças e, se as usam, não devem apertar o cinto nem o botão que comprime a cintura. Depois deste incitamento feito numa confusão de gritos cadenciados, ouviu-se um vagido de criança:

‘In ngã in ngã in ngã in ngã...’
(XITU, 1979, p. 26-27).

A personagem Mafuta, cujo nome, em quimbundo, significa gordo, representa o *leitmotiv* da confusão instalada na comunidade, dando título à obra, *Maka na Sanzala* (Mafuta). É ela o ponto onde tudo começa e tudo desemboca, pois, pelas qualidades que possui, simboliza uma mulher forte e bastante atraente, capaz de aturdir a mente e a atenção tanto dos homens como das outras mulheres: “As lendas sobre a Mafuta, quanto à sua beleza e às suas macas, correram sanzalas e sanzalas, Concelhos e Concelhos – quer em danças e cantos quer através da boca das pessoas que iam cumprir o cativo por causa dela” (XITU, 1979, p. 34).

Portanto, é a partir desta personagem protagonista e a sua beleza que se configura o desenvolvimento dos dois últimos capítulos, sendo que no primeiro dos quais a tónica continua a apresentação das admirações e brigas provocadas pela beleza da Mafuta na sanzala. Já no último capítulo, o terceiro, temos a revelação de uma discussão

entre duas famílias que, em nosso entender, representa a tensão social, criada pelo cruzamento de dois grupos étnicos, dado que as famílias entram em choque, esclareça-se, um litígio há muito enraizado entre estas famílias, porém só vem à superfície quando o filho de um dos contedores (Kalutula) pretende ter um caso amoroso com a Mafuta.

Em síntese, todo esse quadro episódico mostra-nos claramente que, em *Maka na Sanzala*, o narrador ao evocar os diversos aspectos culturais e sociais da vida da sanzala pretende fazer compreender o verdadeiro sentido da expressão de angolanidade, o que passa, efetivamente, pela apresentação da realidade concreta dos dramas que permeiam as relações humanas e grupos sociais, que organizam seu significado em função de tendências sociais enraizadas em sua visão do mundo.

Assim, a premissa sobre a qual repousa este estudo tem que ver com a necessidade de reforçar novas articulações de identidades e conhecimentos, partindo da decapitação de epistemologias hegemônicas, aliado à constatação de Mapera (2013, p. 49), de que:

O estudo das literaturas particulares tem responsabilidades acrescidas ainda, pois deve pôr em relevo os aspectos essenciais do processo de construção de um pensamento da vida de um povo, as suas características estéticas, a língua, os elementos culturais e outras características.

Estabelecendo um paralelo com a formulação de Mapera, Matusse, recorrendo em torno da real dimensão da produção literária dos países africanos de língua oficial portuguesa, enfatiza que

A percepção da real dimensão da literatura [...] passa, para além da observação do contributo de modelos literários importados, também pela consideração dos elementos autóctones. Tal é, aliás, a condição de qualquer literatura e, em especial, das literaturas africanas surgidas naquilo a que Walter Mignolo chamou situações coloniais. No caso das literaturas africanas, é já lugar comum indicar o campo das relações entre a oralidade e a escrita como um dos mais fecundos, cumprindo a tradição oral o papel do elemento autóctone [...] (MATUSSE, 1998, p. 54-55).

Dessa feita, a partir dessas ideias de Matusse e por meio do viés de uma epistemologia pluriversal, neste estudo, buscamos compreender o papel da oralidade e da interseção da linguagem popular na escrita de Uanhenga Xitu como elementos fundamentais de sua escrita desobediente. Isso porque, e de acordo com as afirmações anteriores, reconhecemos como inegável que a linguagem representa um dos factores instituintes da contracolonialidade no texto literário.

Assim sendo, a angolanidade, vista no contexto da sua emergência como resistência à história da colonização portuguesa, imprime, na produção literária, enquanto marca de origem, uma construção discursiva que expressa valores culturais e ideológicos do seu imaginário; pelo que, “atribuímos uma importância fundamental ao fenómeno da linguagem. [...] Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 44).

Vista à luz desse prisma, a escrita de Uanhenga Xitu cimenta uma literatura claramente divorciada dos cânones literários portugueses e dos eixos discursivos eurocêntricos, muito por

conta dos procedimentos literários que singularizam a relação do escritor e a expressividade resultante do conteúdo dos seus contos, conforme reforça, a este propósito, Leite (2003, p. 19-20):

[...] a prática desenvolvida por diversos escritores [...] mostra que o hibridismo linguístico foi uma das constantes mais significativas da textualidade africana em língua portuguesa. [...] em graus mais ou menos extremados e, substancialmente, diferentes das outras colonizações, a relação com o corpo linguístico começa por manifestar-se pelas diferentes ‘falas’ com que os escritores africanos se assenhorearam da ‘língua’.

Com efeito, é por meio desse assenhoreamento linguístico que Uanhenga Xitu procura construir os seus contos, fazendo resvalar o mundo de que ele próprio é parte. Assim, a partir de *Maka na Sanzala*, podemos observar o que nos é apresentado nas linhas anteriores, em que o escritor nos ajuda a compreender alguns véus que localizam a cotidianidade angolana, pelo que Uanhenga Xitu não hesita em retratar as diversas situações do universo sociocultural e linguístico que integra o mundo da “sanzala”. Para esse efeito, os subterfúgios de dissidência utilizados pelo autor têm que ver com as repetições que abundam o discurso das personagens, as palavras melodiosas, enfim, a oralidade. Aliás, segundo destaca Leite (2003, p. 21),

As literaturas africanas de língua portuguesa encenaram, [...] desde muito cedo, a criação de novos campos literários, fazendo coexistir, na maleabilidade da língua, a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida, mais ou menos imparável, que os textos literários nos deixam fruir.

Podemos aproximar esse referido hibridismo de uma epistemologia pluriversal na escrita de Uanhenga Xitu; no caso de *Maka na Sanzala*, em que nos dá a entender que é movido pela vontade de captar a língua que a sua gente usa, recuperando-a em seus desvios, tornando-a um instrumento de expressão e representação dos aspectos que enformam a angolidade. Dessa forma, pelo fato de estar a descrever literariamente o espaço rural angolano, a obra em análise expõe como expressão de identidade, conforme temos vindo a pontuar, o matrimónio linguístico entre o português e o quimbundo:

– *Tá-tá!... Tá, kola, kola!!! Nguzu, Kahâtu!... Ndoko, kola!... aiá-ia-ia, songo ua-i-bitixe dingi?* – Eram as palavras de incitamento e encorajamento que as parteiras e outras mulheres que assistiam ao parto faziam em coro, quando a parturiente fosse atacada de dores.

– É agora rapariga, vamos!... mais, *ndoko, tá-tá...tá-tá-tá-tá, nguzu Kahâtu! Ndoko, tá-tá* pressa, vai levar uma chapada então, *chatiç’ome, ambanjina!!!* (XITU, 1979, p. 16 – grifos do autor).

Na verdade, como acima se depreende, Uanhenga Xitu mantém uma relação de diálogo entre a língua portuguesa e a língua africana, criando uma espécie de interseccionismo linguístico, em que prolongamentos de frases, ou partes de frases, se continuam em diferentes línguas, alternando ou imprimindo ritmos diversificados, assim como fazendo irromper, recuperadas, diferentes cosmovisões (LEITE, 1998).

Portanto, diante do exposto, Uanhenga Xitu contribui para a angolização da língua portuguesa, através da mescla de elementos dessa língua com falares populares: “– Mas diga ainda: o que é que aquelas piquénas andavam rir? – Não sei, quando cheguei na porta só vi

dar mão e você ficaste calado” (XITU, 1979, p. 44). Nesse trecho do conto, vislumbramos uma reivindicação de valores culturais, de que a tradição oral e suas formas fazem eco. No entanto, esta busca de expressão de identidade cultural que a ficção de Uanhenga Xitu vem demonstrando, ao resgatar traços culturais preservados pela oralidade, e através de uma voz de engajamento social, surge, em nosso entender, como parte do processo de consolidação da identidade nacional.

Ora, por meio dos discursos das personagens, constatamos que, no contexto rural, o que comprova a identidade do angolano é seu jeito de falar, sua língua, suas crenças, como se demonstra nesta passagem textual:

– Mas diga ainda, Ngolale e Mafuta quem é mais boa?

– Verdade-verdade não sei quem é mais melhor. Quando olha este é mesma coisa! Quando olha aquele é mesma coisa! E a gente fica só mesmo calado. (XITU, 1979, p. 44).

A partir desse extrato, podemos compreender que, na obra, há preocupação com a reprodução do diálogo oral das personagens, com a finalidade de conferir mais naturalidade e vivacidade aos discursos. Aqui o narrador viu-se na contingência de ter que enriquecer essas falas com elementos linguísticos, tais como interrogações e exclamações, que procuram marcar a emotividade da expressão oral, obviamente, na tentativa de dar uma maior aproximação e fidelidade às marcas prosódicas das figuras ficcionais. De igual modo, quando o narrador diz “verdade-verdade” está a se valer de outro recurso enfático próprio da oralidade, introduzindo-o na escrita. Portanto, essas construções de linguagem buscam a individualização rumo à emancipação

criadora de identidade própria, embasada em uma epistemologia dissidente, pois o diálogo criado pelo escritor representa, como se pode depreender, o tipo de comunicação preferencialmente adotada pelos falantes menos escolarizados, próprio da referência espacial que a obra nos sugere. Entendemos que se trata da principal marca constitutiva do projeto literário de Uanhenga Xitu:

- Eu não falou que vou entrar. Mas si entrar eu só do carnaval, faz quê?!...
- Você não brinca, rapaz! [...]
- Muitas piquénas não podia viri se eu não ia pedir nos pais dele e nas mães dele. Está ouvir?
- Mas eu não estou abusar filha de pessoa de ninguém. (XITU, 1979, p. 71-72).

Sobre o posicionamento dos escritores africanos com relação à língua portuguesa, Ferreira (1987, p. 206-207) já afirmava:

Há que destruí-la para reconstruí-la. Os escritores vêm chamando a si a dura tarefa de torná-la suficientemente dúctil para que ela cumpra a sua função de veículo textual, na exigência de espaços de características específicas. Daí essa aventura de desarticulação da sintaxe, da fonética, e a consequente reestruturação linguística, com sábios empréstimos às línguas autóctones, tornando-a originalmente expressiva e artisticamente funcional.

Desse ângulo de análise que temos enfatizado, a obra *Maka na Sanzala* possui um inegável valor estético e cultural pela sua singularidade expressiva, pois, a partir do hibridismo linguístico e de falares populares, Uanhenga Xitu refaz a própria realidade linguística angolana, ancorada na

oralidade. Dessa forma, o modo de falar local é focalizado como subterfúgio de desassimilação da língua portuguesa, tendo como âncora epistêmica a sanzala. Outro trecho exemplar:

- Você está a correr porquê?
- Vai buscar pano da tia...
- Tia quem é?
- Tia Mafuta...
- Está onde?
- Ali – a miúda indicou com dedo.
- Vai dizer que avó dissu para vir depressa.
- Você quem é? Vai só... avó chamou, tem pessoa que quer tabaco.
- Ann!... fez a miúda, e saiu a correr. (XITU, 1979, p. 90).

Com essa forma de explanar os acontecimentos, Uanhenga Xitu chama-nos ao reconhecimento dos falares locais, dado que a sua trajetória retórica estrutura de forma empenhada a relação dos fatos narrados com o povo, com o meio ambiente e com as manifestações linguísticas, hábitos e costumes que só a literatura tem capacidade de representar com tal vivacidade. Nesse sentido, portanto, podemos considerar que a reprodução da oralidade, forjada numa linguagem literária calcada no coloquialismo local, demarcam a inventividade artística de Uanhenga Xitu, que, a partir da interseção entre o português e o quimbundo falado nas sanzalas, constrói um quadro linguístico peculiar de Angola.

Nesse sentido, através do linguajar popular, representado pela ruralidade, Uanhenga Xitu oferece-nos uma leitura do pensamento e visão do mundo atrelados ao modo como se realiza o português. Em vista disso, por meio da escrita ficcional nos é dada uma imagem

da cotidianidade rural de Angola, trazida pela relação que se estabelece entre o angolano comum da sanzala e o seu modo de falar. Vejamos as transcrições seguintes:

– Ngolale, venha ainda... A Mafuta foi aonde?

– Mafuta foi no Kibulukutu... ai *nzamba!*¹

As duas moças interromperam a conversa, juntaram as duas cabeças e fuefuetavam². (XITU, 1979, p. 39 – grifo do autor).

Sobre o processo de africanização do discurso, Martinho (1998, p. 252-253) defende que

No figurino pós-colonial a literatura angolana acolheu sem sombra de dúvidas tópicos do pensamento anti-colonial e anti-português, em face da afirmação de um país renovado politicamente e que procura encontrar paradigmas literários também novos [...]. Durante os anos 60 e 70 houve um esforço de africanização do discurso [...].

Assim, é possível inferir que o que concorre para africanização do discurso em *Maka na Sanzala* é, entre outros fenómenos, o convívio da língua portuguesa com a língua local bantu ou com expressões e falares populares. Portanto, pelo fato de estas línguas ou expressões locais de origem bantu veicularem a identidade cultural, levam, necessariamente, a que a oralidade se institua como um dos mais importantes configuradores da angolanidade presente nessa obra literária.

Como se sabe, até à colonização portuguesa, era a narrativa oral responsável pela transmissão de saberes,

tradições e cultura na sociedade angolana. Assim, a produção literária uanhenguiana instituiu na linguagem seu principal instrumento de luta contra os códigos de garantia e estabilidade impostos pelos colonizadores e, nesse sentido, utiliza-a no intuito de transpor para a escrita o discurso oral de raiz africana.

Desse ponto de vista, na representação do cotidiano próprio das sanzalas, Uanhenga Xitu acaba instaurando nos seus contos a tradição oral como afirmação da sua linha de escrita desobediente, demarcando-a com falares populares característicos do contexto social de que faz parte. Com efeito, a língua a partir da qual o autor expressa sua visão de mundo demanda construções linguísticas marcadas por uma angolanidade de tom, ritmo, sintaxe e sentido, e, por consequência, o universo axiológico vigente no texto entrecruza-se com uma perspectiva identificada à história, à cultura e, fundamentalmente, à vida e às condições de existência da população angolana, conforme testemunha Fanon (2008) nos seguintes termos: “falar é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 44).

Esta realidade parece corroborar o pensamento de Uanhenga Xitu acerca da linguagem utilizada na sua produção literária, pois nos atendo à obra *Maka na Sanzala*, o grande investimento inventivo do escritor decorre da sua capacidade de recriar elementos linguísticos enraizados na fonética popular, o que é, obviamente, marcado por premissas de fundamentação identitária e pelo reflexo do projeto epistemológico pluriversal e reconstrutivista.

¹ De acordo com a tradução apresentada no texto, a expressão significa foram em grupo.

² Conforme tradução apresentada no texto, *fuefuetavam* significa cochichavam (deriva de *Kufuefueta*).

Em vista disso, a idiossincrasia da escrita literária de Uanhenga Xitu fundamenta-se, por assim dizer, nos modelos da tradição oral de Angola, partindo daí para a reinvenção lexical, em conformidade com a natureza das imagens que o autor pretende construir na sua narrativa. Assim sendo, a palavra, a língua e o discurso baseados na oralidade servem de recursos a serem usados para delimitar as isotopias do pensamento contracolonial, tal como nos ensina Giannella (2015), convocando-nos à ruptura epistemológica:

a desnaturalização da visão cientificista clássica, própria da modernidade, é urgente [...]. A visão epistemológica que precisamos não será mais marcada pela abordagem normativa típica do paradigma positivista, no qual o caminho para a verdade é apenas um e detido por apenas uma categoria de sujeitos (os cientistas). A epistemologia contemporânea é marcada pelo diálogo entre os caminhos possíveis para a construção do saber ou, sinteticamente, pela ‘ecologia de saberes’ que reflete a ecologia das culturas e dos tempos (GIANNELLA, 2015, p. 353).

Ora, como que comprovando esse pensamento, é notória, na escrita uanhenguiana, a preponderância da invenção lexical acerca do mosaico cultural tradicional, metonimicamente produzido em *Maka na Sanzala*. Sublinhe-se que, ao nível da literatura e da arte, o processo de construção da identidade nacional pressupõe a materialização de todo um imaginário linguístico, cultural e social, despojado do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial:

– Pois é, aquele sacana do Kienda ia fazer morrer a mulher, tinha grande kibalala amarrado na cinta! [...]

– Nunca vi homem burro como este sacana do Kienda!

[...] O cachorro esqueceu tirar cinta, mas não esqueceu fazer ‘porcaria’, mesmo a mulher com barriga já maduro... Olha só a criança como veio tudo sujo de ‘porcaria’? seu de merda!... (XITU, 1979, p. 27).

Como se depreende, ao recorrer a elementos de natureza cultural diretamente ligados aos estratos sociais mais desfavorecidos, ou se quisermos do homem comum da sanzala, Uanhenga Xitu pretende representar sentimentos nacionais mais alargados e retomar capacidade de invocar uma memória coletiva tida como a guardiã dos bons costumes e, por via disso, inclusivamente, compreendida como plataforma impregnada de função pedagógica e ordenadora de comportamentos socialmente aceites; conquanto, na referência espacial descrita na obra, a cópula em gravidez muito avançada é desencorajada, pois atenta à sanidade da criança.

Portanto, no entremeio da interpretação, ressalta o entendimento que Uanhenga Xitu concebe o seu texto como uma construção conjunta entre os domínios social e linguístico. Por conseguinte, a linguagem apresentada na obra *Maka na Sanzala* deve ser entendida como instrumento que institui uma epistemologia pluriversal e contracolonial. Desse modo, apresentando-se com noções inequívocas para romper os cânones e vícios da teoria tradicional rumo à descolonização de saberes e da língua, Uanhenga Xitu ensina-nos a dar um olhar especial às referências telúricas e a valorar como a linguagem local serve de instância simbólica do imaginário social. Aliás,

E aqui está talvez uma das mais fortes marcas da ficção do autor: o seu afastamento do núcleo urbano, buscando flagrar os mitos e ritos do ‘mato’, da sanzala, trazendo ao leitor culto e urbano a mundividência e as vozes do *hinterland*. Essa escolha, sem dúvida, acaba também por orientar a linguagem de Uanhenga Xitu, na medida em que seus textos fogem do português padrão urbano, não sendo difícil neles encontrar expressões em línguas nacionais angolanas, sobretudo o quimbundo [...]. (MACÊDO, 2012, p. 238 – grifo da autora).

Enfim, podemos concluir que, em *Maka na Sanzala*, a escrita de Uanhenga Xitu lança um narrador que desmistifica a hegemonia do pensamento ocidental e rasura a lógica discursiva eurocêntrica. Para esse efeito, serve-se da fusão de diversos elementos da oralidade e de falares locais para produzir uma imagem *sui generis* de Angola. Nisso, a linguagem afigura-se um potencial veio de ideologia transgressora; porquanto por meio da sua ficção narrativa, Uanhenga Xitu convida num sentido apelativo a não ignorar a identidade e a localização dos sujeitos de conhecimento, colocando em xeque a epistemologia dominante. A essa luz, no repertório das literaturas africanas de língua portuguesa, Xitu demarca, indubitavelmente, uma tendência articulativa que desautoriza, por assim dizer, a instância colonial, contanto que a sua escrita projeta uma reprimenda à visão hegemônica, dando, por conseguinte, voz e vez a sujeitos e práticas periféricos. Dessa maneira, *Maka na Sanzala*, enquanto tribuna onde se tornam audíveis e visíveis as vozes e os saberes dos silenciados e marginalizados, propõe uma espécie de

reconhecimento da pluriversidade de epistemologias.

Referências

- ALCOFF, L. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*, 31(1), p. 129-143, 2016.
- FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, M. **Literatura africana de expressão portuguesa**. 2ª edição. Lisboa: ICALP, 1987.
- GIANNELLA, V. Epistemolôque? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem. *Revista Terceiro Incluído*, v. 5, n. 1, p. 339-354, 2015.
- LEITE, A. M. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- LEITE, A. M. **Oralidades & Escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- MACÊDO, T. Apontamentos sobre a escrita de Uanhenga Xitu, um griô engajado. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. São Paulo: USP, número especial, p. 237-246, 2012.
- MAPERA, M. **Realismo e Lirismo em Terra Sonâmbula, de Mia Couto, e Chuva Braba, de Manuel Lopes**. 334 f. 2013. Tese (Doutorado) – Departamento de Línguas e Cultura, Universidade de Aveiro, Portugal, 2013.
- MARTINHO, A. M. F. **Cânones Literários e Educação, os casos angolano e moçambicano**. Lisboa, 1998.
- MATUSSE, G. **A Construção da Imagem da Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa**. Maputo: Livraria Universitária, 1998.
- XITU, U. **Maka na Sanzala**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- XITU, U. **Os sobreviventes da máquina colonial depõem**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

Recebido em 2023-06-24
Publicado em 2023-12-01